

— RECENSÕES/NOTAS SOBRE LIVROS —

Le Français Aujourd'hui, Descriptions de la langue et enseignement, n° 162, Paris, Armand Colin, 2008.

144 pp.

ISSN 0184-7732

Isabel Margarida Duarte

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto

iduarte@letras.up.pt

A revista da Association Française des Enseignants de Français tem como organizadores, no número que agora se apresenta, Marie-Madeleine Bertucci e Jacques David, ambos autores, também, de artigos nele publicados.

A obra está dividida em duas partes principais: a primeira, intitulada *Représentations, conceptions, descriptions de la langue*, é composta por cinco reflexões teóricas, que interpelam as opções do ensino da língua materna na escola francesa de hoje; a segunda, chamada *Renouveler l'étude de la langue*, contém quatro textos que são outras tantas propostas concretas no sentido de alterar o estado de coisas diagnosticado. A revista apresenta ainda uma *síntese e discussão*, espécie de ponto da situação da autoria de Jean-Louis Chiss, os resumos dos artigos, uma secção de *Actualités* em que é feita a análise crítica de um manual recente de gramática para o ensino primário e 13 apresentações breves de livros, na secção *Notes de lecture*.

Os cinco artigos da primeira parte visam tentar explicar por que razão o francês que a escola ensina e impõe é uma variedade tão normativa e pouco aberta à consideração da variação. Na verdade, a valorização da língua escrita na escola ficou a dever-se a uma tradição histórica reforçada na época da Revolução Francesa, que acentuou a ideia do francês como língua do rigor, da precisão, da elegância, como língua nacional, da liberdade e da igualdade. Marie-Madeleine Bertucci, em "Quelles descriptions de la langue parlée à l'école?" (pp. 59-70), advoga a tese segundo a qual, nos programas de gramática escolar, vale a pena atribuir um espaço às variedades orais faladas pelos alunos. Uma das dificuldades da escola moderna nasceria justamente do fosso entre a língua da escola e as variedades populares orais que os alunos falam, distância de que decorrem insucessos vários. Encarar o ensino da língua numa perspectiva variacionista (Chiss, 1997) pode, segundo Bertucci, ajudar a minorar os problemas. A autora advoga a necessidade de a escola se apoiar nas competências linguísticas dos alunos, mesmo que elas pareçam rudimentares. A escola deveria considerar sempre os contextos em que as formas não estandardizadas são utilizáveis. Lamentando a incapacidade de a "utilização gramatical escolar" ter em conta a língua falada bem como a falta de utensílios didáticos postos à disposição dos professores, o artigo insiste nos contributos

das fonética-fonologia (a dimensão mais penalizadora do uso da língua, do ponto de vista social), da sintaxe e da morfologia, na perspectiva da construção de pontes entre o oral e o escrito. Propõe que se parta do oral, da forma como os alunos falam, do francês normal, quotidiano, familiar, da língua de todos os dias, menos vigiada socialmente e menos estigmatizante, apesar de ser mais instável e heterogénea, para abordar, a partir dela, o escrito. Segundo a autora, “O objectivo é apoiar-se em descrições da língua que sejam próximas dos locutores para facilitar a aprendizagem do padronizado, que é o objectivo visado.” (p. 66). De facto, o predomínio da consideração da escrita nas aulas de língua materna produz um efeito de homogeneidade que mascara a existência de duas organizações tipologicamente diferentes.

Um dos outros estudos apresentados na revista, já na segunda parte, o de Danièle Manesse, “Pour un enseignement de la grammaire minimal et suffisant” (pp. 103-112), reforça algumas das linhas de força do texto anteriormente referido, por exemplo a ideia de que a aquisição da norma escrita exerce, sobre os alunos, uma enorme pressão, mas questionando, de forma polémica e corajosa, as certezas daqueles que pensam que programas e abordagens inspirados na Linguística ou na sociolinguística permitiriam melhores aquisições gramaticais. No entender da investigadora, o facto de os universitários terem criticado a gramática tradicional fez com que a gramática escolar se tivesse tornado muito mais exigente e complexa e perdesse de vista os seus objectivos básicos. A proposta da autora é justamente limitar o ensino da gramática ao estritamente útil na escola obrigatória, antes de a tornar objecto de especulação e de reflexão com os alunos mais adiantados e mais velhos, já providos de uma bagagem gramatical indispensável (cf. p. 104). O ensino da gramática deveria ser eficaz pois, ao não ser eficaz para ajudar os menos favorecidos linguisticamente, está a ser socialmente injusto.

O domínio da escrita, condição para a aprendizagem e a continuação dos estudos, depende de um certo número de conhecimentos gramaticais, repartidos de modo desigual: confirma-se permanentemente que os alunos dos grupos populares são deficitários em matéria de norma linguística escrita. “Os alunos mais desfavorecidos são os que dominam menos os “utensílios da língua”, pontuação, morfologia nominal e verbal (conjugações), ortografia gramatical.” (p. 105)

Em diálogo com o texto de Marie-Madeleine Bertucci, Danièle Manesse afirma que, segundo as ideias de alguma sociolinguística, a renovação da didáctica da gramática baseada na observação das “variantes” poderia permitir “dominar” a língua: a didáctica da língua basear-se-ia nas descrições que fossem próximas daquilo que os locutores usam, como forma de facilitar o domínio da língua padrão, que é o seu objectivo último. Embora considere esta proposta generosa, a autora crê que ela “tem poucas hipóteses de permitir aos alunos que estão afastados dela de se apropriarem da norma útil.” (p. 106). Nessa proposta que Danièle Manesse rejeita, pedir-se-ia aos alunos que descrevessem um *corpus* em construção, para se apropriarem, com mais facilidade e eficácia, das normas da língua padrão de que o professor é depositário. A

partir de formas sobretudo orais, trabalhariam como linguistas, fazendo um percurso da variação oral até ao sistema conservado por escrito. Mas partir das produções linguísticas dos alunos não conduz facilmente à norma padrão. Estudar a variação é lidar com dados não sistemáticos e fortuitos. A autora sublinha, a nosso ver com lucidez, a diferença entre o trabalho do linguista e o do professor: “O linguista na liberdade da sua investigação não é o professor em frente à turma, nos limites do seu horário. [...] O linguista tem tempo, tem direito às hesitações, ao resultado provisório. O professor tem a obrigação de apresentar resultados.” (p. 107). Num texto célebre em que equacionava as relações entre a Linguística e o ensino de língua, Bronckart (1985) alertava, há anos, para a ilusão que consistia em acreditar que a Linguística poderia resolver os problemas pedagógicos (programas, modelo gramatical, exercícios) o que significava sobestimar as possibilidades da Linguística e subestimar a complexidade do trabalho pedagógico.

Segundo Danièle Manesse, não vale a pena adiar o momento em que o aluno vai ter que aprender a forma própria da língua padrão. E acrescenta: “A consciência da multiplicidade das variantes e a capacidade para as descrever é capital, mas [...] está do lado dos conhecimentos do professor.” (p. 108); permite-lhe organizar-se em função dos alunos que tem. E são os alunos com que trabalha que lhe devem fazer ter uma concepção modesta da gramática na escola obrigatória, que deveria apenas centrar-se em: (1) ortografia morfossintáctica: classes de palavras e algumas funções sintácticas, regras de concordância (o texto refere-se ao ensino do francês), formas verbais; (2) actividades de produção escrita: encadear e organizar as frases, conhecer os tempos e os conectores; (3) tudo o que sirva a aprendizagem das línguas estrangeiras: uma metalinguagem mínima (classes de palavras, os nomes dos tempos verbais). Enquanto os alunos não dominarem estes saberes, qualquer abordagem que exija maior distância crítica e secundarização será ineficaz.

Destacamos ainda, pela importância que encerram para completarem a reflexão de que acima demos conta, os artigos seguintes: “Langue(s) / systèmes / didactiques, diversité, identités” (pp. 11-19), de Didier de Robillard, “Le couple oral/écrit dans une sociolinguistique à visée didactique” (pp. 21-27), de Françoise Gadet e Emmanuelle Guérin que, justamente, procuram articular considerações de tipo sociolinguístico com preocupações didácticas e “La langue sans classes de la grammaire scolaire”, de Marie-Anne Paveau (pp. 29- 40), que chama a atenção para a necessidade de, embora ensinando, na escola, o francês padrão, se ter em conta também a variação linguística. Este número da revista *Le Français aujourd'hui*, de grande interesse para os docentes de língua materna, está acessível na internet, para assinantes, no endereço seguinte: http://www.armand-colin.com/revues_num_info.php?idr=16&idnum=306636

Referências

- Chiss, J-L. 1997. Éléments de problématisation pour l'enseignement / apprentissage du français aux élèves "non francophones". In: D. Boyzon-Fradet; Chiss, J-L (Eds.). *Enseigner le français en classe hétérogène: école et immigration*. Paris: Nathan.
- Bronckart, J-P 1985. *Les sciences du langage: un défi pour l'enseignement?* Neuchâtel: Unesco-Delachaux et Niestlé.